



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço com o governador de Pernambuco, Eduardo Campos

Recife-PE, 28 de fevereiro de 2007

Jornalista: O senhor já confirmou o José Múcio na liderança?

Presidente: Ainda não confirmei ninguém. Não confirmei nem liderança no Congresso – nem na Câmara, nem no Senado –, nem confirmei mudanças no Ministério.

Eu tenho uma preocupação primeira, nesse momento, que é consolidar o Programa de Aceleração do Crescimento. Esse Programa, para dar certo, além da decisão política de fazermos o PAC, nós temos agora que estabelecer um calendário para cada obra, para cada projeto, seja de saneamento básico... Uma novidade que eu posso dizer para vocês é que quando eu fui discutir saneamento básico e urbanização de favelas, por coincidência, a cidade de Recife e o estado de Pernambuco são a cidade e o estado que têm o maior número de projetos-executivos. Portanto, é um estado e uma cidade que, na hora em que a gente fizer o acordo, fechar o nosso convênio, vão ter uma gama muito importante de dinheiro para urbanizar favela e para saneamento básico.

Jornalista: E quanto à violência, Presidente, o senhor ficou espantado com a reação... Qual a reação do senhor quanto à violência no estado?

Presidente: Espantado eu fico a cada dia, porque a violência não está na minha formação como ser humano, como cristão que sou. Até porque eu sou oriundo de uma família muito pobre, e eu tenho dito que um dos grandes



problemas da violência no Brasil não é apenas a questão econômica, a questão social, é a desestruturação, a desintegração de uma entidade chamada “família”. Na medida em que não há harmonia dentro da família, há uma facilidade de desintegrar a sociedade. E eu digo isso com orgulho porque tive uma mãe que teve oito filhos, muito pobre, e conseguiu manter esses oito filhos embaixo da sua saia, cuidando para que ninguém se desencaminhasse.

É uma situação grave, eu tenho dito que nós só vamos resolver o problema da violência no Brasil na hora em que a gente apresentar para a sociedade – e isso leva algum tempo – uma solução de esperança para a juventude brasileira. É importante a gente lembrar que essa juventude que tem entre 18 e 30 anos de idade é resultado de duas décadas perdidas que nós tivemos sem crescimento econômico, sem distribuição de renda, sem investimentos em educação. Então, nós agora precisamos cuidar para garantir que a gente tenha uma política de educação e de geração de emprego que garanta as perspectivas de futuro para a geração atual, tentar recuperar a geração que foi perdida na década de 80 e na década de 90 e, ao mesmo tempo, melhorar substancialmente a esperança daqueles que virão.

O Brasil é um país que tem potencial, acho que tudo está mais ou menos arrumado para o Brasil crescer. A única coisa que eu acho é que a gente não pode tratar determinadas coisas, que são exceções, como se fossem regras. A maioria do povo brasileiro é pobre, mas a maioria do povo brasileiro é trabalhadora, tem meninas e meninos que querem trabalhar, que querem estudar, e essas pessoas estão esperando apenas uma chance. Tem exceções? Tem. Tem gente que estabelece política de violência, que comete crimes hediondos? Tem. Essas pessoas terão que ser punidas. Agora, o que nos precisamos é trabalhar para que a juventude não veja no crime e na violência uma saída. A saída é o estudo e o trabalho porque é isso que garante a cidadania para as pessoas.



Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Olha, eu retorno a Recife, já, a convite do prefeito João Paulo, no dia 13 de junho, para a diplomação de seis mil jovens do ProJovem. Eu tenho que voltar no dia 30 para participar da Semana Santa. Depois eu tenho que vir a Salgueiro, falta marcar a data para que a gente comece o trabalho com o Batalhão de Engenharia do Exército nas obras do São Francisco. Depois eu tenho que voltar aqui em junho, para um processo de alfabetização de quatro mil jovens. E antes de tudo isso eu tenho que voltar aqui para anunciar ao Prefeito e ao Governador, dentro do PAC, o processo de urbanização de favelas, saneamento básico e construção de habitação, que é muito dinheiro.

Eu quero parabenizar o prefeito João Paulo e o governador Eduardo Campos porque tanto o estado de Pernambuco como a cidade de Recife são o estado e a cidade que têm a maior quantidade de projetos-executivos prontos, elaborados. Portanto, serão priorizados porque significa que quando nós disponibilizarmos o dinheiro, esse dinheiro poderá, com muita facilidade, começar a gerar melhoria de vida para o povo de Pernambuco com obras, as licitações serão feitas rápido. Então, eu voltarei aqui tantas vezes quantas forem necessárias. Eu só espero que um dia eu seja convidado pelo Prefeito, pelo Governador, pelos meus companheiros aqui de Pernambuco, para passar um dia na praia, porque nunca me levaram numa praia em Pernambuco.

Jornalista: Sobre a refinaria, o senhor tem alguma novidade para a gente?

Presidente: O que nós fizemos hoje aqui em Pernambuco não foi pouca coisa. Aquele lançamento do Pólo de PET e depois o lançamento do projeto de PTA, que é um pólo petroquímico, em função da própria refinaria, vai transformar o estado de Pernambuco num estado definitivamente industrializado. Eu fiz questão de dizer que no Pólo de PTA falta que a Secretaria, a entidade que



cuida do meio ambiente no estado dê licenciamento prévio para a gente começar a fazer as obras. Agora, em julho, nós começamos o processo de terraplanagem no Porto de Suape, da refinaria.

Eu acho que as coisas vão começar a acontecer e vão acontecer com muita força porque o PAC foi programado, foi produzido para mudar um pouco a história econômica do nosso País.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não tem nenhum problema. Eu estou muito tranqüilo com isso porque eu tenho que cuidar do PAC, depois eu tenho que apresentar, dentro dos próximos 15 dias, um projeto muito forte para a educação brasileira. Depois eu tenho que unificar as políticas sociais deste País, ou seja, nós temos muita coisa para fazer. Na medida em que for sendo necessário, eu vou mudando os ministros, é um direito do presidente da República, é ele que escolhe o horário, a data e a hora de comunicar à imprensa.

Jornalista: O senhor consegue resistir às pressões todas?

Presidente: Fique tranqüilo, primeiro quero confessar a vocês que não tem pressão, quero inclusive agradecer, de público, a lealdade dos partidos que me apóiam porque eu sei da necessidade de construir as alianças políticas. Mas nenhum partido político está me pressionando, porque eu acho que todo mundo nesse momento amadureceu e sabe que essas coisas são secundárias diante das prioridades que nós temos para recuperar a economia do País.